

PFL discute seus problemas. E o futuro!

"Só existe uma saída para o PFL se sair bem em uma eleição presidencial: colocar um paulista como cabeça de chapa ou vice", disse ontem em Brasília o líder do partido na Constituinte, deputado José Lourenço. E ele tem duas sugestões para o cargo de candidatos à vice-presidência (com Aureliano Chaves como candidato à presidência): Olavo Setúbal ou Antônio Ermírio de Moraes.

Mesmo assim, o PFL — imerso em uma convulsão, da mesma forma que o PMDB — enfrenta outro problema. Segundo Lourenço, só haverá um candidato à presidência se o sistema presidencialista de governo prevalecer na Constituição.

"O dispositivo das disposições transitórias que impede a mudança do sistema de governo por cinco anos não resiste à realidade das eleições. Quem duvida, nessa hipótese, que um presidente eleito em segundo turno com 40 milhões de votos não terá forças para restabelecer o presidencialismo?", indagou Lourenço, depois de afirmar que seu partido pode vir a apoiar um candidato de outro partido, comprometido com o restabelecimento do presidencialismo.

Internamente, o PFL enfrenta vários problemas. Líderes importantes do partido, a começar pelo próprio presidente nacional, senador Marco Maciel, já não têm mais livre trânsito em todas as correntes. Tem sido contestado e muito, pelos pefelistas que se alinharam ao Centrão. Parlamentares considerados ligados ao senador pernambucano deixaram o Centrão e estão participando do chamado "grupo de entendimento" ou "centrinho". Esse novo grupo surgiu por iniciativa dos "modernos" do PFL e da corrente de centro-esquerda do PMDB, todos preocupados, segundo eles, com a escalada conservadora do Centrão.

Marco Maciel está desgastado junto à maioria da representação partidária na Assembleia Constituinte, depois de ter sido muito saudado ao assinar o documento original do Centrão. Mas logo depois caiu em desgraça, quando deixou de votar em plenário, preferindo omitir-se. "O Marco não ganha mais nada

dialogar com dirigentes do PMDB, do PDT, do PT, PCB, PC do B.

Inimigo

Os integrantes do "centrinho" — quase todos afinados com o presidente do PFL — ficaram muito irritados com a visita de alguns pefelistas do Centrão ao governador mineiro Newton Cardoso — considerado o inimigo número 1 do PFL. Estiveram com o governador de Minas os deputados Ricardo Fiúza e Luís Eduardo Magalhães, fundadores e coordenadores do Centrão. O episódio agravou a crise interna do partido.

Marco Maciel, que ontem em Recife fez o pré-lançamento de seu livro "Liberalismo e Justiça Social", disse que está elaborando uma emenda presidencialista para ser votada pelo plenário da Constituinte. A proposta, segundo ele, será apresentada por outro parlamentar e defenderá um presidencialismo com "equipotência de poderes".

Segundo Maciel, não é necessário se implantar o parlamentarismo para ter um parlamento forte. Ele acredita ainda que nosso Executivo não é tão forte assim: "O que acontece é que os poderes Legislativo e Judiciário estão muito fracos".

Marco Maciel também discorda da tese do ex-governador Roberto Magalhães de que o mandato de Sarney será de cinco anos por decurso de prazo, ou seja, porque os trabalhos da Constituinte demorarão tanto que não haverá tempo para a convocação de eleições presidenciais em 88. "Em 1945, Getúlio Vargas caiu em outubro e em dezembro foram realizadas eleições. Com o agravante de que naquela época não se contava com os meios de comunicação de hoje."

Sem cacife

De Minas também vieram críticas a Marco Maciel, ontem. O deputado Maurício Campos disse que o presidente do PFL "está muito desgastado dentro do partido e não terá cacife para ser candidato à Presidência da República. Campos nega qualquer atrito pessoal com Maciel e justifica suas críticas: "Estamos tentando unir o partido e não é hora de criar brigas internas".

3

no partido", desabafou o líder José Lourenço. Os deputados Ricardo Fiúza, Jofran Frejat, Oscar Correia, Lael Varela e muitos outros, não pouparam o presidente do PFL de críticas.

Solidários com Marco Maciel estão, entre outros, Jorge Bornhausen, Guilherme Palmeira, Alceni Guerra, Saulo Queiroz, Lúcio Alcântara, Humberto Souto, José Thomaz Nono — os "modernos" do PFL. O vice-presidente do partido, deputado Maurício Campos, dos mais ligados ao ministro Aureliano Chaves, embora integrado ao "centrinho", também hostiliza Maciel. Ele acha que o presidente do partido age "com muita autonomia", nem sempre consultando previamente a Comissão Executiva Nacional antes de tomar iniciativas como a de

"Até o dr. Ulysses Guimarães poderá apoiar o ministro Aureliano, depois de se sentir derrotado no PMDB. Ele conhece o trabalho feito por Aureliano para viabilizar a Aliança Democrática e poderá fazer o mesmo, só que de outro lado."

Maciel recusou-se ao confronto com as declarações de Maurício Campos e afirmou apenas que o PFL enfrenta "uma crise que ataca as demais agremiações, culpa da falta de tradição partidária do Brasil".

Para o presidente regional do PFL do Amazonas, deputado Ezio Ferreira, "o partido não vai acabar" e se o senador Marco Maciel não se enquadrar nas novas normas partidárias e rejeitar as novas lideranças internas, só terá uma saída: deixar o partido".